

Linux para Seres Humanos

Luiz Picolo¹

Na “grande guerra” que acontece entre os Sistemas Operacionais, há entre os seus “combatentes” indivíduos que acreditam fielmente que o seu sistema é o melhor, o mais confiável e o mais estável. Neste contexto, estão presentes os usuários do Linux, os quais, dentro de seus próprios domínios, tentam definir qual a melhor distribuição. Desta forma, esse pequeno artigo vem de encontro a estes usuários, tentando demonstrar que não basta o sistema ser livre, tem que ser humanizado.

Usuário não fanático do Linux a algum tempo, adentrei algumas vezes em discussões sobre qual o melhor *Distro*². Em alguns destes debates, usuários mais experientes defendiam certos tipos de sistema que realmente eram robustos, mas que, deixavam a desejar ao usuário final. Ao tentar instalar um programa ou mesmo escutar uma música, o indivíduo tinha que ir até o terminal e digitar alguns códigos, os quais, eram copiados da internet ou simplesmente passados por usuários que, já a um determinado tempo, utilizavam este sistema em seu dia a dia. Nesta tarefa complicada de baixar e instalar, há os que defendiam que, o verdadeiro usuário deveria saber lidar com as linhas de código, ou até mesmo, saber o básico da programação em C para transpor os problemas que poderiam surgir no futuro.

“A Batalha das Distros”, como é conhecida, coloca os apaixonados pelo Ubuntu em confrontos contra Slackwares, Mandrivas e Debians. Enquanto os primeiros defendem o “Linux para seres humanos”, os outros querem mais é mostrar aos outros que são muito superiores em informática. (HAMANN, Renan: Erro 404: Fanboys malditos. Disponível em: <http://www.tecmundo.com.br/12563-erro-404-fanboys-malditos.htm>. Acesso em: 23 Agosto 2011)

Porém, quem vos escreve pensa completamente o contrário e irei explicar o porque. Uma das vantagens que o sistema da Microsoft tem sobre o Linux é sua praticidade, e isso não se pode negar. Ao tentar instalar um programa, ao clicar duas vezes em cima de seu executável, todo o processo é intuitivo e praticamente automático, não necessitando que o usuário tenha um conhecimento elevado para que o software desejado seja instalado com sucesso. No Linux não é diferente, porém, em alguns casos, os quais não são raros, o processo de instalação demanda um conhecimento um pouco maior do usuário final, principalmente se o único caminho para esta tarefa for as tão temidas **linhas de comando**.

Logo, quando falamos de Linux para **Seres Humanos**, queremos tocar neste ponto, devemos ser defensores do Linux sim, e quando digo defensores quero dizer pessoas que não usam somente, mas que ensinam e recomendam, toda via, devemos sempre indicar *Distros* que realmente

¹ Programador Web

² Abreviação que vem do inglês, distribution.

levarão o usuário a ter uma experiência confortável, ou em outras palavras, que o mesmo não se amedronte e acabe saindo do mundo OpenSource³ para mergulhar novamente no mundo do software proprietário. Por este motivo, que nós recomendamos o Ubuntu, uma distribuição que além de ser totalmente humanizada (Linux for Humam Beings), trás a seu usuário as facilidades que o mesmo já encontrava no Windows, ou seja, essa familiaridade de telas e manuseio o agradam, e convenhamos, nada melhor do que um “cliente” satisfeito.

Portanto, fica a dica para quem deseja adentra no mundo Linux, busque um *Distro* mais humanizado, não pense que escrever linhas de códigos o fará mais inteligente ou mais defensor do software livre, busque as facilidades, humanize cada vez mais esse sistema maravilhoso, livre, e totalmente criado para que nós possamos ter em casa algo feito para servir e ao mesmo tempo ensinar. Sei que este pequeno artigo tocará na ferida de alguns usuários fanáticos, porém, leia com atenção, reflita sobre as dificuldades dos usuários inexperientes.

3 A filosofia do Software Livre encontra as suas raízes na livre troca de conhecimentos e de pensamentos que podem tradicionalmente ser encontrada no campo científico. [...] os programas de computador não são tangíveis e podem ser copiados sem perda. [...] No início dos anos 80, Richard M. Stallman foi o primeiro a formalizar esta maneira de pensar para o software sobre a forma de quatro liberdades: A liberdade de executar o software, para qualquer uso. A liberdade de estudar o funcionamento de um programa e de adaptá-lo às suas necessidades. A liberdade de redistribuir cópias. A liberdade de melhorar o programa e de tornar as modificações públicas de modo que a comunidade inteira beneficie da melhoria. [...] A "Definição do Open Source" é ela mesma derivada das "Linhas Directoras do Software Livre Debian", que derivam das quatro liberdades mencionadas acima. Conseqüentemente, as três definições descrevem as mesmas licenças; a "Licença Pública Geral GNU" (GPL) é a licença de base de todas as definições. (SEABRA, Rui Miguel Silva: O que é o Software Livre? (tradução do texto original de Georg C.F. Greve, Presidente da Free Software Foundation Europe). Disponível em: <http://ansol.org/filosofia>. Acesso em: 23 Agosto 2011)